

## **AS PANC (PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS) COMO ESTRATÉGIA DE LUTA PELA SOBERANIA ALIMENTAR**

GUIMARÃES, Tiago  
DURIGON, Jaqueline  
tiagofao@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

**Palavras-chave:** conhecimento tradicional; biodiversidade; alimentos regionais.

### **1 INTRODUÇÃO**

As PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais) são plantas que possuem partes comestíveis, mas não fazem parte do dia a dia da alimentação da maioria das pessoas. Muitas possuem altos valores nutricionais (KELEN et al., 2015) e podem proporcionar diversificadas e saborosas opções alimentares. No entanto, existe um complexo conjunto de fatores associados ao modelo capitalista de produção no qual os alimentos são tratados como mercadoria, os territórios como espaços de produção e os indivíduos como consumidores de produtos alimentícios (ESTEVE, 2017) e, portanto, pouco ou nada das potencialidades das PANC são aproveitadas.

No Brasil são registradas cerca de 3.000 espécies de plantas alimentícias e este número pode chegar a seis ou até dez mil. Por outro lado, a grande maioria das hortaliças consumidas no país é exótica, foram introduzidas e adaptadas, a fim de padronizar o sistema de produção e distribuição de alimentos. Cerca de 90% dos alimentos de origem vegetal consumidos no mundo provem de apenas 20 espécies. Destas, no Brasil, somente duas são nativas, o amendoim e a mandioca (KINUPP & LORENZI, 2014).

Apesar deste cenário contemporâneo, de monotonia alimentar (KINUPP & LORENZI, 2014), os povos tradicionais e originários historicamente fizeram uso das PANC, mas ao longo dos últimos cinco séculos, estes conhecimentos vem desaparecendo rapidamente. Dessa forma, além da insegurança alimentar gerada pela dependência de poucas espécies alimentícias (LEÃO, 2013), o sistema agroalimentar vigente resulta na perda de saberes sobre a biodiversidade local e perda de potencialidades alimentares, como as PANC.

Diante desta situação, o resgate dos saberes ancestrais relacionados à alimentação, e a sua popularização, representa uma estratégia na luta pela diversificação e soberania alimentar, a qual, para além da disponibilidade de alimentos, envolve autonomia na sua produção. Paralelamente à ampliação dos meios de divulgação de estudos e publicações relacionadas às PANC, é necessária uma aproximação das pessoas com estes alimentos, hoje não convencionais em suas comunidades. Assim, o presente trabalho propõe um diagnóstico de uma realidade local na metade sul do Rio Grande do Sul a partir de um levantamento de espécies de PANC e comunidades que tenham

interesse em discutir essa temática, a fim de subsidiar intervenções futuras neste sentido.

## **2 METODOLOGIA**

O estudo ora apresentado integra as atividades das disciplinas de Práticas Educativas Escolares e Comunitárias (PEEC), do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG, Campus de São Lourenço do SUL. Este componente curricular regulamenta o chamado Tempo-Comunidade, onde os estudantes realizam atividades fora do espaço acadêmico, seguindo o regime de alternância com o Tempo-escola que, por sua vez, se dá no espaço da Universidade. As PEEC III e PEEC IV são disciplinas sequenciadas, nas quais inicialmente é realizada a pesquisa bibliográfica e levantamento de dados e, com base nos resultados obtidos, são realizadas ações junto à comunidade (PEEC IV). No momento serão apresentados os resultados obtidos da realização da PEEC III, concluída pelo autor ao final do primeiro semestre de 2018, bem como as propostas de ação junto à comunidade para realização da PEEC IV, no segundo semestre.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em busca de definições, conceitos e informações sobre as PANC ocorrentes na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, em especial na região dos municípios de São Lourenço do Sul e Rio Grande. Paralelamente foram realizadas caminhadas exploratórias nas regiões urbanas destes municípios, procurando identificar, coletar, registrar e consumir espécies de PANC ocorrentes nas estações outono-inverno. As identificações botânicas foram realizadas a partir de bibliografia específica, principalmente Kinnup & Lorenzi (2014). Foram realizadas também consultas e conversas informais com a comunidade lourenciana e riograndina e, durante essas trocas, foram averiguados grupos sociais onde haveria interesse em se realizar ações relacionadas às PANC.

## **3 RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Foi verificada uma ampla variedade de espécies PANC em uma breve caminhada exploratória de 800 metros, realizada em 40 minutos, na área urbana de São Lourenço do Sul, onde foram identificadas e coletadas 23 espécies de PANC. Resultados semelhantes foram obtidos na cidade de Rio Grande. Por outro lado, o desconhecimento por grande parte da população sobre as PANC tem se verificado no dia a dia destas comunidades, dado pela pouca ou nenhuma oferta destes produtos nas feiras e mercados. Verificou-se também, o interesse por parte da comunidade, especialmente em Rio Grande, em ações relacionadas ao consumo de PANC e a propagação do tema.

Considerando os resultados do levantamento de espécies e relatos do público consultado, a proposta de intervenção a ser planejada e

operacionalizada na PEEC IV será dirigida à cidade de Rio Grande, no bairro Cassino, comunidade onde reside e atua o autor no Tempo-Comunidade. Em comparação com São Lourenço do Sul, ações relacionadas ao tema PANC, tais como, oficinas de identificação e degustação, divulgação de publicações e troca de experiências e saberes entre consumidores (as) e agricultores (as), são menos frequentes, o que implica em uma menor sensibilização das comunidades quanto ao tema. A atividade consistirá de encontros nos quais se propõe a identificação e coleta de PANC, bem como rodas de conversa, troca de experiências e saberes, além do preparo e consumo destes produtos.

Considerando ainda, a necessidade de materiais de divulgação mais direcionados à biodiversidade local, paralelamente, serão confeccionadas cartilhas de saberes relacionados às PANC, contendo informações gerais sobre o tema e destacando algumas espécies mais promissoras na metade sul do estado, tais como, capuchinha, ora-pro-nóbis, dente de leão, serralha, entre outras.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O resgate de saberes sobre PANC e sua inserção na alimentação cotidiana não é uma tarefa fácil. Porém, se uma espécie for introduzida ou reintroduzida em uma rede de produção/coleta/consumo, popularizando-se de tal modo que deixe de ser considerada uma PANC, se terá atingido uma grande conquista que pode reverberar para o maior número de espécies. Isso representaria um grande passo em busca da soberania alimentar do país.

#### **5 REFERÊNCIAS**

ESTEVE, E.V. **O Negócio da Comida**: quem controla nossa alimentação? São Paulo: Expressão Popular, 2017.

KELEN, M.B. et al. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs)**: hortaliças espontâneas e nativas. Porto Alegre: UFRGS. 2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/wp-content/uploads/2015/11/Cartilha-15.11-online.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum. 2014.

LEÃO, M. **O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional**. – Brasília: ABRANDH. 2013. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca\\_alimentar/DHAA\\_SAN.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/DHAA_SAN.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2018.